

Mal-estar na Drogadição: os impasses de um corpo atravessado pelas drogas

Luiz Henrique Pereira Osterne

Raquel de Souza Xavier

Orientadora: Dr^a Karla Correia Lima Miranda

FAMETRO – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

luiz.osterne@hotmail.com

Título da Sessão Temática: Processo de Cuidar

Evento: V Encontro de Monitoria e Iniciação Científica

RESUMO

As percepções acerca do sujeito têm mudado, no decorrer do tempo. Na medida em que aumentam as demandas e os transtornos também aumentam as categorias que buscam enquadrar o adoecer no DSM IV e o CID. Muitos transtornos surgem como um mecanismo de defesa do sujeito diante de uma situação conflituosa com o outro. A drogadição é um dos meios utilizados por adolescentes para encobrir e lidar com a dor, pois esta tem a capacidade de alterar sua subjetividade ao consumir desde drogas ilícitas até as lícitas. Objetivo do texto é discutir a partir do saber psicanalítico a relação da drogadição com o mal-estar que o corpo. Trata-se de um estudo reflexivo permeado por discussões informais com grupos de amigos e estruturados no Grupo de estudo e pesquisa (GEPPSI). Essa pesquisa está embasada na leitura freudiana partindo da construção de uma pesquisa metapsicológica. Buscou-se apresentar a importância de escutar o sujeito em sua relação com a droga, entendendo que esta serve como objeto para tamponar alguma falta e que pode proporcionar ao mesmo tempo prazer e mal-estar.

Palavras-chave: drogadição; mal-estar; psicanálise

INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos as gerações têm se mostrado mais adoecida, e nós estudantes do campo da saúde temos que nos renovar a cada momento, a cada nova década surgem novas queixas, aumentam as demandas, os transtornos, e a maior prova desse crescente adoecer é o DSM e o CID que a cada edição seus registros aumentam.

Busca-se então, enquadrar o ser e o seu sofrimento em categorias, mas muitas vezes não refletimos as fontes desse adoecer, o ser sofre com as limitações sociais, com a fala de um outro, com eventos que podem provocar inquietações.

Nesse sentido, os ditos transtornos podem surgir como uma possibilidade de defesa do aparelho psíquico para lidar com o sofrimento, onde o Eu se recusa a vislumbrar o ocorrido, e seu corpo como forma de encobrir, libera energia por outras vias ou manifestações, ou seja, os sintomas. Um dos sintomas crescentes nessa nova era é o uso de substâncias psicoativas, na qual o ser altera sua percepção a partir do consumo.

Miozzo et al. (2013) mensurou esse nível de consumo entre adolescentes, como resultado desse levantamento teve as seguintes porcentagens: “o álcool (82,5%), seguida por tabaco (12,6%), maconha (6,6%), cocaína (5,3%), tranquilizantes (5,3%), solventes orgânicos (5,1%), suplementos alimentares (4,9%) e anfetaminas (3,1%)” (p. 95).

Quando falamos de drogadição nos referimos não só ao álcool ou cocaína, mas incluímos aqui aqueles que recorrem à automedicação sem tarja; comprado ilegalmente; prescrito à terceiros.

Os medicamentos possuem valor curativo, mas seu uso indiscriminado, isto é, sem prescrição, com doses erradas, pode gerar graves danos à saúde do sujeito. Na contemporaneidade crianças e adolescentes utilizam cada vez mais os medicamentos, nesta fase da vida há uma crescente inserção de medicamentos nesses períodos (ABRAHÃO; GODOY; HALPERN, 2013).

Cada disciplina explicam suas verdades por meio de teorias e saberes inerentes ao seu campo de atuação. Esses saberes são interpretados a partir do seu campo de conhecimento e de sua problemática frente aos empasses em relação a temática. Logo, o consumo das substâncias químicas legais, ilegais ou vendidas sob prescrição, são observadas em várias faixas etárias, em todas as situações socioeconômicas, étnicas.

Mas porquê o sujeito recorre a essa estratégia onde a destruição do corpo e laços sociais estão em jogo causando danos irreversíveis.

A partir dessa indagação pensamos como objetivo: Discutir a drogadição e esse mal-estar que penetra esse corpo a partir de uma perspectiva da Psicanálise.

Tal interesse surgiu a partir das reuniões semanais realizadas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise, (GEPPSI) no qual refletimos e tentamos contextualizar sobre essa forma de mal estar.

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, utilizaremos o método da pesquisa psicanalítica, que não trabalha com a previsão e controle (o inconsciente), sendo assim tal estudo não possui sistematização completa e única, trata-se de singularidade, temos como campo esse

inconsciente, sendo o objeto este pesquisador que busca acender a este, e o método seria uma movimentação para compreensão desse inconsciente pelo sentido que este tomou (IRIBARRY, 2003).

Partiremos da construção de uma pesquisa metapsicológica, ou seja, uma situação de pesquisa psicanalítica (SPP). O termo mais adequado seria *Erfahrung* (experiência), um momento que se transformou em aprendizado e conhecimento, e que prisma o solipsismo e a alteridade. Usamos como diário a observação participante, ou seja, houve uma inserção por parte do pesquisador no campo do objeto da pesquisa, o mesmo é estrangeiro e visa registrar essa experiência (IRIBARRY, 2003).

Embasaremos-nos na literatura freudiana como forma de discutir esse mal-estar presente na sociedade e como a drogadição se apresenta como recurso possível esse sujeito existir ratificada por Freud já em 1930, no texto *O Mal-estar na Civilização*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acerca de um ano quando nos vinculamos ao Programa de Monitoria e Iniciação Científica (PROMIC) no projeto de iniciação científica “Os ditos dos drogaditos na drogadição e a dor da adicção começamos pesquisar sobre os efeitos, o porquê as pessoas recorriam as substâncias, e cada vez mais os questionamentos apareciam, obervamos cada caso é singular e os porquês e os efeitos variam.

Adentrar no campo da pesquisa mudou nosso olhar e escuta, e desta forma, passamos a vê e analisar melhor os discursos que eram destinados a nós. Já tínhamos acesso a várias realidades associadas à drogadição e ao adoecer. Nesse tempo mais pessoas nos destinaram seus relatos, e passávamos então a descobrir que nosso local agora era de outra ordem.

O discurso dessas pessoas não era mais superficial com receio de julgamento, no qual muitos detalhes eram encobertos, podemos ter acesso à relatos mais densos, com esclarecimento, ou seja, tivemos acesso aos ditos dos drogaditos na drogadição e a dor da adicção (título do projeto), e a partir disso refletir e equiparar a literatura. Muitas elaborações foram possíveis, mas desta vez partimos de uma outra perspectiva, a psicanalítica, passamos então a relacionar as obras de Freud, sendo *O Mal-Estar da Civilização* um delas, em contraponto a drogadição.

Freud discute sobre a mudança de percepção e capacidades gerados pela química do produto usado, essas mesmas substâncias apesar de seu teor podem possuir inúmeros efeitos, e cada produto tem um nível de dependência e consequência a esse corpo.

Nas falas dirigidas a nós, por meio de encontros em grupo e informalmente, percebemos uma alta adesão do uso de droga na adolescência, muitas vezes por laços sociais com pessoas que utilizam e por curiosidade de saber e de utilizar pela primeira vez. Mas no discurso percebe-se que não foi porque um outro lhe deu, mas porque este outro disse o efeito gerado pela substância, houve uma vontade para se obter aquele resultado, mas a razão difere de uma fala para outra.

Perante os discursos foram percebidos várias questões envolvidas. Alguns sujeitos desenvolvem uma compulsão à repetição e eles querem mais doses do produto ingerido, vivem em um alto nível de dormência desse corpo, não refletem suas ações, e muitas vezes roubam para satisfazer esse corpo que clama por mais substância, recorrem a outras formas de usos e químicas que provocam um maior potencial de ação, por haver alteração mais rápida e outras sensações.

Encontramos também usuários recreativos, que usam doses mais leves, e que buscam essa sensação momentânea, ou seja, o grau de encobrimento é de menor ordem. Estes sujeitos sabem os efeitos, consequências, o que consomem, de quem compram, dose adequada para o momento, e podem passar alguns dias sem usar o produto ou seja, nesse momento droga ainda se encontra como sendo um objeto de prazer.

Freud (1930) levanta que há um sofrimento nessa civilização, somos barrados a fazer nossas vontades, não efetuamos completamente nossos desejos, pois a lei nos interdita, sentimos culpa e vergonha por essas pulsões. Freud (1930) disse: “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas”.

Como não recorrer há algo frente às impossibilidades da vida? Veremos que cada desvio da pulsão ocorre decorrente de uma organização do ser perante a esse sofrimento, mas isso não ocorre à nível de consciência.

No texto O Mal-Estar da Civilização (1930) são mencionados três medidas que o ser pode recorrer frente ao sofrimento, são elas: “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela.”

Focaremos na terceira medida, a drogadição desse corpo. Não tão raramente nos deparamos com usuários de substâncias em nível de dependência química nas ruas, mas esta dependência perpassa outros campos socioeconômicos.

Freud(1920) no texto “Além do Principio do Prazer” menciona a compulsão à repetição, nesse ciclo no geral o indivíduo se encontra preso as ações como busca de

reelaborar, sendo em sua maioria destinados a pulsão de morte, na busca de uma descarga total. O sujeito aqui, dependente de alguma substância, vive essa compulsão de maneira onde o corpo é afetado de forma mais destrutiva, já que suas repetições, apresentam repercussões danosas a esse corpo, além da psique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse contexto apresentado, buscamos apresentar que o sujeito que recorre ao uso de alguma substância, fez o uso da mesma, tentando tamponar alguma falta, sendo isso, esse fenômeno precisa de análise de maneira singular, pois cada sujeito apresenta sua singularidade, mas o que estes buscam em comum é uma sensação prazerosa, porém essa busca de prazer tem um custo e interfere na sua existência, onde a adicção pode passar a apresentar uma necessidade, onde nesse momento o sujeito tem a sua questão subjetiva apagada.

Por isso aqui a importância de se escutar esse sujeito, no sentido de descrever e compreender o lugar da droga para este, ou seja, o que inconscientemente ele está querendo tamponar recorrendo ao objeto droga como uma forma de reviver um prazer idealizado e não apenas rotular este com um marginal ou fora da lei.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, R. C.; GODOY, J. A.; HALPERN, R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. **Aletheia**, v. 41, p.134-153, mai./ago., 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n41/n41a11.pdf>. Acesso em 7 set. 2017

FREUD, S. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1920b). Além do princípio de prazer. In: _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora**, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan./jun., 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf>. Acesso em 23 jun. 2017

MIOZZO, L. *et al.* Consumo de substâncias psicoativas em uma amostra de adolescentes e sua relação com o comportamento sexual. **J Bras Psiquiatr**, v. 62, n. 2, p. 93-100, 2013. Disponível em [http://www.ipub.ufrj.br/portal/jbp/62/02/01_JBP_62\(2\).pdf](http://www.ipub.ufrj.br/portal/jbp/62/02/01_JBP_62(2).pdf). Acesso em 7 set. 2017